



Minha experiência cursando medicina na UFSCar: Uma narrativa crítico-reflexiva

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Coordenação do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos como parte das exigências para obtenção do título de Médico.

Orientador: Carlos Alberto Nogueira-de-Almeida

Ana Beatriz Lima e Silva

São Carlos – 2024

“Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.

A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixa a dor nas aras
Como ex-voto aos deuses.”

Fernando Pessoa

Agradecimentos

Gostaria de agradecer inicialmente a meus pais Simone e Ailton, por nunca terem poupado esforços para que eu sempre tenha a melhor educação possível e por sempre terem me incentivado tanto a buscar o que quero.

Agradeço também a toda minha família, principalmente meu irmão, tios e avós; por sempre terem me apoiado e mimado tanto, e tornado a vida tão mais divertida.

Agradeço a meus amigos e amigas, que hoje vejo como parte essencial de quem eu sou e que foram com certeza essenciais nesses anos de graduação. Apesar de qualquer distância física, tenho o prazer de carregar vocês por onde ando.

Agradeço por fim aos meus colegas e professores por tantos ensinamentos e vivências compartilhadas nessa trajetória.

Lista de Abreviaturas

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

PPP - Projeto Político Pedagógico

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

USF - Unidade de Saúde da Família

LINFU - Liga de Infectologia da UFSCar

CAMSA - Centro Acadêmico Sérgio Arouca

SARS-CoV-2 - Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2

EAD - Ensino a Distância

EPI - Equipamento de Proteção Individual

LAGO – Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia

ACIEPE – Atividade complementar

AAAMPJ – Associação Atlética Acadêmica Moacir Peixoto Júnior

GO – Ginecologia e Obstetrícia

LIDERM – Liga de Dermatologia

LAEP – Liga Acadêmica de Especialidades Pediátricas

LHEU – Liga de Hematologia da UFSCar

LIGEM - Liga de Genética

APS – Atenção Primária a Saúde

IC – Iniciação Científica

Resumo

O curso de Medicina da UFSCar exige dos alunos formandos um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que aqui será elaborado de acordo com as diretrizes do Projeto Político Pedagógico (PPP) na forma de uma narrativa crítico-reflexiva sobre a vivência de uma aluna nessa graduação, relatando as subjetividades dessa experiência.

Aqui farei o desenvolvimento em uma linha cronológica, seguindo os três ciclos da formação médica, cada um com a duração de dois anos.

Palavras-chave: Medicina; Narrativa Crítico Reflexiva.

Abstract

The UFSCar Medicine course requires graduating students to complete a Course Conclusion Paper (TCC), which will be prepared here in accordance with the guidelines of the Pedagogical Political Project (PPP) in the form of a critical-reflexive narrative about a student's experience, in this degree, reporting the subjectivities of this experience.

Here I will develop in a chronological line, following the three cycles of medical training, each lasting two years.

Keywords: Medicine; Critical-reflexive narrative.

Sumário

1. Introdução	10
2. Desenvolvimento	11
2.1 O Primeiro Ciclo (2018-2020).....	11
2.2 O Segundo Ciclo (2020-2024).....	13
2.3 O Terceiro Ciclo – Internato (2022-2024).....	15
2.5 Atividades Extracurriculares	17
3. Conclusão	19
Referências Bibliográficas	20

1. Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi elaborado de acordo com as diretrizes do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Medicina da UFSCar. Os capítulos são uma narrativa crítica-reflexiva sobre a minha formação.

Os capítulos a seguir criam uma narrativa crítico-reflexiva a respeito da minha formação médica desde as atividades teóricas, mas principalmente focada na Prática Profissional (PP). Também serão abordadas as atividades extracurriculares desenvolvidas ao longo da graduação e experiências que acredito terem sido relevantes para mim.

2. Desenvolvimento

2.1 O Primeiro Ciclo (2018-2020)

Quando enfim passei na UFSCar, já estava tentando entrar no curso de Medicina há 4 anos. Havia morado a vida inteira na cidade de São Paulo, na Zona Leste, e não pensava em me mudar – minha prioridade era exclusiva em faculdades na capital. Não tinha desejo de (e, na verdade, nem muito conhecimento sobre como seria) morar no interior do estado.

Felizmente, as coisas na vida não aconteceram como planejei, e no meu quarto ano de cursinho para vestibular, minha única aprovação em instituição pública foi na UFSCar. Não era nem minha primeira, nem minha segunda, nem minha terceira opção; mas era também uma oportunidade irrecusável.

Nesse contexto, vim para São Carlos com meus pais demonstrar o interesse pela vaga e em seguida fazer a matrícula. Não sabia como o curso funcionava, não sabia praticamente nada sobre a UFSCar nem sobre a cidade de São Carlos. Meus pais, no tempo, com certeza estavam mais contentes que eu pela aprovação; eu sentia muita agonia e muito medo pelas mudanças, e acredito que esses sentimentos até limitaram minha alegria por enfim ter conquistado a vaga no curso que eu tanto queria. Na época eu não imaginava que essa “última opção” de faculdade minha se tornaria uma das melhores decisões que eu já tomei sem desejar.

Fui bem acolhida desde o início pelos veteranos da faculdade, que faziam questão de conhecer os calouros e recebê-los. E que pessoas seriam melhores para explicar as tantas siglas e particularidades do curso, e também compreender as angústias dos que chegam? Foi com eles que mais aprendi sobre o método do curso, sobre a cidade e sobre as tantas oportunidades que existiam na Universidade.

O método ativo oferecido na UFSCar pode ser bem desafiador no início da graduação por ser algo ainda muito incomum no ensino brasileiro – para a maioria, que me inclui, a graduação foi o primeiro contato. Tive muita dificuldade em relação de encontrar fontes para estudar, ao quanto do conteúdo que eu

deveria aprender como aluna do ciclo básico e à disciplina de estudar sozinha. O ciclo básico funcionou graças à presença e paciência dos preceptores e de meus colegas que me ajudaram; mas ainda sinto que foi um período subaproveitado por mim em relação a obter conhecimento, eu não tinha tão desenvolvida a habilidade de aprender da maneira que a medicina exige.

Já no ciclo básico também fomos inseridos nas USFs de São Carlos, o que foi ótimo para sermos inseridos no SUS e visualizarmos na prática o funcionamento da atenção primária.

Desde o primeiro momento da faculdade, também, frequentei ligas acadêmicas (LIGEM, LINFU), treinos de esportes da AAAMPJ e, principalmente, ensaios de baterias universitárias, que foram parte essencial para minha saúde mental e sociabilização durante os anos de formação.

O primeiro ciclo foi, assim, um período de novidade e adaptação.

2.2 O Segundo Ciclo (2020-2024)

No início de 2020, comecei o terceiro ano da graduação. Já me sentia muito mais adaptada à faculdade, amava minha rotina e estava animada para o ciclo que “tinha mais clínica”. Nessa época eu já reconhecia que, contrariando minhas crenças de quando era jovem, eu na verdade prefiro morar fora de São Paulo – descobri uma vida muito agradável no interior. Porém, novamente, meus planos não seguiram conforme o esperado: com menos de um mês de atividades, foi declarada a pandemia da Covid-19. Daí entramos no período mais obscuro do curso: as aulas foram suspensas por meses, sem previsão de volta; nem tínhamos norte sobre ajuste de calendário pelo atraso. A animação por entrar no ciclo clínico se inverteu em angústia, medo da doença e do futuro.

Quando por fim retomamos as atividades exclusivamente de forma online, foi outra adaptação difícil. Não éramos acostumados a seguir as discussões via vídeo chamada, e muitas das atividades do curso eram intransponíveis para o virtual. Além disso, a frustração pela falta de previsão de retorno das atividades presenciais contaminava a tentativa de adaptação.

Foi nesse contexto de falta de perspectiva que me interessei por entrar no Centro Acadêmico do curso, o CAMSA. À época, seguíamos exclusivamente com reuniões online, sendo a pauta mais importante a luta pela retomada das atividades no cenário prático de maneira segura e a luta contra os cortes de verba governamentais que sofremos na época. Hoje em dia, sou muito grata por essa insistência e resistência que os docentes e discentes exerceram na época, e vejo que esse movimento foi essencial para que hoje seja possível minha conclusão do curso.

Também durante a pandemia, participei de uma ACIEPE relacionada à saúde mental dos alunos durante o período; e fundei com meus colegas a LAGO, devido ao meu grande interesse até então na área de GO. Segui participando da LINFU e também participei de um curso da LIDERM.

Já minha primeira atividade de retorno à prática presencial foi, na verdade, extracurricular: O projeto Testar Para Cuidar, um levantamento

na população de São Carlos sobre o contato com o vírus e defesa imune mediada através de anticorpos, com o conhecimento que se tinha na época sobre o SARS-CoV 2. Particpei na etapa de convite à população para participar da pesquisa, na qual os convidados eram escolhidos através de um sorteio; e também na etapa de coleta de dados dos participantes no dia da coleta da amostra de sangue necessária para os testes. Essa pesquisa foi importante para eu, depois de tanto tempo de isolamento, lembrar o quanto me é revigorante a atuação prática. Sempre tive dificuldade no aproveitamento das atividades virtuais, e essa oportunidade de participação veio como um alívio.

Por fim, graças aos avanços da ciência e a vacinação contra o vírus, e a persistência dos que lutaram pelo curso de Medicina da UFSCar, retomamos gradualmente as atividades presenciais, ainda com muitas restrições – limitação no número de alunos por atividade e de pacientes marcados para os atendimentos, uso de EPIs, permanência de atividades no modo online, entre outros. Mas foi um retorno, e enfim, com atraso, foi possível a conclusão do nosso segundo ciclo do curso. O cenário prático ainda limitado pelas restrições remanescentes da pandemia fez com que o choque da mudança para o internato se intensificasse.

2.3 O Terceiro Ciclo – Internato (2022-2024)

Aqui começou, com certeza, o período mais imersivo da graduação de Medicina. O internato exige muitas horas de presença dos alunos nas atividades práticas e aulas, e horas de dedicação aos estudos no período em que eles não estão presentes nessas primeiras. Para mim, foi sem dúvida o período mais exigente, mais difícil e também o de maior aprendizado da graduação.

São nesses dois anos de internato que fazemos a transição de nos vermos e portarmos como alunos para nos tornarmos médicos. É um grande crescimento e mudança não apenas no conhecimento, mas na postura e na responsabilidade. Esse crescimento só é possível com o contato diário com os pacientes, médicos e professores; em que nos deparamos com os tantos cenários que existem tanto para os atendidos, quanto para os que fornecem os atendimentos. Refleti muito nesse período sobre a médica e a pessoa que quero ser, e como posso traduzir isso em cada atendimento que eu prestar.

Acredito que, para se exercer uma medicina baseada em evidências e humanizada, o médico deve se manter sempre ele mesmo como a principal pessoa a ser cuidada. O melhor atendimento possível sempre será feito por um profissional alimentado, e descansado física e mentalmente. A realidade que me deparei nesse período, porém, era contrastante com esse princípio, sendo que o mais comum na área médica são profissionais desgastados e extremamente saturados; com demandas e horários desumanos. Foram comuns os relatos que ouvi de médicos sobre longas horas de plantão, noites de sono mal dormidas, ausência de qualquer período de descanso ou lazer. Essa rotina degradante, de tão comum, acaba sendo normalizada nesse meio, e essas confissões, que deveriam ser chocantes, na verdade se tornam quase vanglorizações pessoais, como se fossem passíveis de admiração. Nessa realidade incompatível com a maioria das outras áreas profissionais, é comum os médicos apenas se envolverem com outras pessoas da área da saúde, agravando ainda mais esse distanciamento social.

Foi diante dessas percepções e da angústia que elas me trouxeram que se tornou, mais do que nunca, essencial para mim o contato com atividades

coletivas, com minha família e com meus amigos. Atribuo a esses contatos minha saída para me manter como eu mesma e como ser participante da sociedade, não apenas mergulhando no mundo dos hospitais e dos médicos.

Como interna, é passando pelos estágios que contemplam diversas áreas da medicina – Clínica, Cirurgia, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria, Saúde Coletiva, Saúde Mental e Ambulatórios – que se torna possível enfim se deparar com o dia a dia das especialidades, e é extremamente comum para os internos mudarem as especialidades de escolha nesse período. Novamente, fui com a maioria – meu interesse pela GO construído nos 4 primeiros anos da graduação diminuiu intensamente ao me deparar com a rotina dos ginecologistas e obstetras, e hoje não me imagino seguindo nessa área. Por outro lado, descobri um grande interesse pelas áreas de Psiquiatria e Medicina da Família.

Meu interesse pela Psiquiatria foi construído durante os estágios, quando percebi a grande demanda da população em questões de saúde mental e como essa necessidade de saúde permeia todas as especialidades médicas. Me identifiquei com os modelos de atendimento psiquiátricos, focados na conversa com o paciente; e consigo me ver construindo uma carreira nessa área.

Já meu interesse em Medicina da Família surgiu com o estágio do sexto ano, que cumpri com meu colega e grande amigo Júlio na USF da Água Vermelha. Essa unidade atende a população rural de São Carlos, que tem o acesso dificultado à saúde, e conta com uma equipe incrível. Os dias na Água Vermelha foram meus preferidos de todo o internato. Acredito que a Atenção Básica tem grande papel de mudança social e coletiva, e me identifico muito com a atuação nessa área – achava os dias lá prazerosos, com a sensação de dever cumprido após o grande número de atendimentos, e momentos de descanso compartilhados com a equipe e regados a café. Minha primeira escolha de atuação como recém-formada é com certeza na APS, onde pretendo aprimorar meus interesses e avaliar qual área pretendo seguir como especialista.

2.5 Atividades Extracurriculares

As atividades extracurriculares ocuparam lugar de grande importância na minha graduação.

Como ligante, a participação nas ligas LIGEM, LAEP e LHEU me permitiu acesso à ótimas aulas e participação em atividades práticas relativas a cada área.

Como ligante e posteriormente como diretora no cargo de gestão científica, a participação na LINFU me proporcionou grande aprendizado tanto na área de infectologia quanto na parte da gestão e de todos os processos que envolvem a existência de uma liga – seleção dos ligantes, proposta de aulas e atividades, solicitação dos professores, elaboração dos certificados e tantos outros.

Essa vivência foi essencial para eu posteriormente participar da fundação da LAGO, durante a pandemia. A organização e execução desse projeto, em conjunto com meus colegas, foi a realização de um desejo que eu tinha desde o início da graduação, quando já comecei a me interessar pela área de GO. Apesar do interesse não prevalecer hoje, ainda guardo essa experiência com orgulho e percebo que foi muito valorosa, principalmente por termos conhecido e passado por todas as etapas: desde a ideia até a execução de uma liga com membros ativos, aulas e cursos; liga que existe até hoje e que espero que ainda por muitos anos após eu deixar o curso.

Particpei também de uma Iniciação Científica, na qual foram comparados dois modelos de carrinho de emergências no HU-UFSCar em relação aos tempos de atendimento alcançados pelos enfermeiros em cada um deles. A minha IC foi meu maior contato com o processo de uma pesquisa por inteiro, e me agregou como experiência na área acadêmica e inserção no ambiente hospitalar ainda no terceiro ano.

Realizei minhas ACCs nas áreas de anatomia, no segundo ano; na atuação no Testar para Cuidar, no terceiro e quarto ano; e na UTI do HU-UFSCar, no quinto e sexto ano; também realizando um estágio no Hospital Psiquiátrico Espírita Cairbar Schutel no sexto ano. Essas atividades colaboraram para o aprendizado relativo a cada ciclo e aos meus interesses particulares à época.

A minha participação no CAMSA e na AAAMPJ também foram muito ricas como aprendizado de relações interpessoais e como lidar com cargos de liderança. Além disso, foram essenciais para minha saúde mental e relacionamentos em toda a graduação.

3. Conclusão

Por fim, concluo o curso acreditando que essa foi minha maior conquista até hoje. Tenho orgulho e extrema felicidade de encerrar esses ciclos narrados. Me formo ainda muito insegura pelas próximas etapas, mas conseguindo ver o tanto de progresso que tive até aqui e sabendo que ainda posso contar com a ajuda de muitos professores e colegas.

A graduação significou para mim muita transformação e mudança pessoal, e hoje sou muito grata à UFSCar, a todos os meus professores, colegas e pacientes que participaram dessa jornada. Foi com certeza única.

Referências Bibliográficas

CHAGAS, Nathália Bordeira et al. Qualidade de Vida de Estudantes de Medicina em um Curso que Adota Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Brasília, v. 42, n. 4, p. 96-102, Dec. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022018000400096&lng=en&nrm=iso>. Access on 11 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4rb20170095>.

LIMA, Valéria Vernaschi. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 21, n. 61, p. 421-434, June 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832017000200421&lng=en&nrm=iso>. Epub Oct 27, 2016. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>. Access on 09 nov. 2020.